

## **Pensamento, linguagem e negatividade em Bergson\***

*Vanessa de Oliveira Temporal (UFSCar)  
Bolsista FAPESP*

### **Resumo**

O presente artigo procura apontar, no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, a influência que a linguagem exerce sobre a má colocação do problema da liberdade. Para isto, examinaremos a denúncia de Bergson à psicologia nascente do século XIX, procurando mostrar que – apesar do ideal de experimentação – esta última se apoia em razões de ordem lógica para defender a tese do determinismo psicológico.

### **Palavras-chave**

Linguagem; Consciência; Inteligência; Liberdade; Duração; Espaço.

A liberdade é o problema eleito por Bergson para ser tratado em sua primeira obra, o *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. No prefácio desta obra, Bergson atenta que esta escolha se deve ao fato de tal problema ser comum tanto à metafísica quanto à psicologia. Mas, ao longo do livro, podemos observar que, enquanto tema tradicional da metafísica, a liberdade fora sempre objeto de um conhecimento constituído segundo os hábitos da linguagem. Por se preocupar muito mais com a articulação do discurso do que com a experiência efetiva do real, a metafísica tradicional construiu um método de análise que se realiza descolado da realidade, produzindo querelas e polêmicas que Bergson determinou como *falsos problemas*. E esta afirmação se aprofunda ao compreendermos que, mesmo em um momento posterior, ao ser analisada pela Psicologia - com o ideal científico de observação dos fatos - a questão da liberdade, inseparável da noção de consciência em diferentes modos de conceituá-la, ainda sobrevive e, como é apresentada nesta primeira obra de Bergson, ainda não perdeu seu caráter de falso problema. Esta questão persistiria com a

---

\* Texto apresentado na *III Semana da Graduação em Filosofia: Filosofia Política*, em novembro de 2011, na UFSCar, campus de São Carlos.

Psicologia nascente, justamente porque esta última – diante da necessidade de legitimar a especificidade de seu objeto e fundar uma nova ciência – não se perguntou pela correspondência do método científico a este objeto e nem percebeu que era necessário um esforço para se adequar a ele.

Tal transposição de método é criticada por Bergson na medida em que o método científico tem por base a matemática e, como tal, foi moldada em sua origem para tratar dos objetos extensos<sup>1</sup>. Na tradição filosófica, o filósofo desenvolve esta crítica vinculando a má colocação do problema da liberdade ao estabelecimento de uma correspondência rigorosa dos estados de consciência com os modos da extensão, isto é, o fato da tradição filosófica não distinguir realidade física de realidade psicológica<sup>2</sup>. Esta afirmação tende a causar certo estranhamento se pensarmos que na história da filosofia o próprio Descartes formulou o problema da relação entre alma e corpo e, portanto, distinguia realidade física de realidade psicológica. Mas, aqui, podemos reconhecer a força da crítica bergsoniana: *assumir esta distinção entre alma e corpo discursivamente não significa que a confusão entre os dois termos tenha deixado de ser operada*. É o que Bento Prado Júnior chamou de estilo *psicanalítico* de pensamento. “Para além da tese, a análise vai buscar um conteúdo latente que não aflora à consciência tética” (1989, p. 30).

A confusão entre realidade física e realidade psicológica acontece efetivamente na tese determinista. Bergson irá alegar que “não é por razões de ordem física que afirmavam a correspondência rigorosa dos estados de consciência com os modos da extensão” (BERGSON, 1988, p. 104), mas sim, por razões de ordem lógica, ou seja, os psicólogos pretendiam que sua análise estivesse no nível dos fatos, mas, na verdade, antes de recorrerem à experiência, por trás dela e unicamente no plano lógico, já resolveram a questão, o que resultou em um preconceito metafísico. Defende-se o determinismo de ordem psicológica porque não se conhecem os estados de consciência.

---

<sup>1</sup> “A matemática, como desdobramento teórico da ação mecânica, *pensa* o seu objeto como espacial e inerte. Aí está portanto uma consequência da relação sujeito-objeto na modalidade da inteligência que repercutirá no plano ontológico, quando a estrutura desta relação for tomada pela filosofia clássica como tese metafísica” (LEOPOLDO E SILVA, 1994, p. 10).

<sup>2</sup> Para Bergson, a correspondência entre os fenômenos da consciência e os objetos materiais não é estabelecida com base na observação, mas sim, devido a uma tese metafísica: “(...) estender este paralelismo às próprias séries [fisiológica e psicológica] na sua totalidade é resolver *a priori* o problema da liberdade. Isto é permitido, sem dúvida, e os grandes pensadores não hesitaram em fazê-lo; mas também, como antes dizíamos, não é por razões de ordem física que afirmavam a correspondência rigorosa dos estados de consciência com os modos da extensão” (BERGSON, 1988, p. 104).

Bergson procura mostrar que a hipótese de que a posição de um átomo é determinada em relação ao que era no momento anterior, não implica a determinação absoluta dos estados de consciência uns pelos outros, ou seja, irá refutar o paralelismo consciência/matéria. Se este último tem sustentação, não é por nenhuma característica de ordem experimental, mas sim, devido a uma hipótese ontológica, a qual afirma que a consciência é organizada do mesmo modo que a matéria.

Mas, antes de compreendermos esta reflexão bergsoniana, cabe estabelecermos os limites da teoria com a qual o filósofo dialoga. Trata-se da teoria mecanicista da matéria. Segundo esta teoria, todos os fenômenos que compõem a objetividade, como "as ações químicas, as qualidades da matéria que os nossos sentidos percebem, calor, som, electricidade, até talvez atracção" (BERGSON, 1988, p. 101), são resultados do movimento de átomos e moléculas, os quais compõem o universo. Por trás desta teoria encontra-se o princípio de conservação da energia<sup>3</sup>, o qual foi descoberto em meados do século XIX sob a forma da possibilidade da

transformação de uma forma de energia, mecânica ou térmica, na outra. Mais do que isso, foi a generalização desse princípio, estabelecendo a equivalência de todas as formas de energia, mecânica, térmica, elétrica, luminosa, subordinadas todas a um "princípio de conservação" que passou a ser a base da ciência moderna (ROCHA E SILVA, 1972, p. 121).

Ainda segundo Rocha e Silva (1972, p. 122), na base desta concepção estavam as experiências de Galileu sobre o plano inclinado<sup>4</sup> e as concepções de Descartes (princípio da quantidade de movimento) e do próprio Galileu sobre a inércia.

No entanto, a ampliação do princípio de conservação da energia para outras formas de energia como o calor, electricidade e luz, dependia de dois pontos fundamentais: "a) admitir a existência de partículas elementares (átomos e moléculas)" - o que condiz com a afirmação de Bergson segundo a qual a lei da conservação de energia está na base da teoria atômica - e "b) de um perfeito conhecimento do que se poderia chamar de calor" (ROCHA E SILVA, 1972, p. 124). Lembrando que a exigência da teoria atômica para a ampliação do princípio em questão se devia à ideia

---

<sup>3</sup> "Não temos dificuldade em reconhecer que esta concepção dos fenômenos fisiológicos em geral [possibilidade do cálculo preciso da posição do átomo], e dos fenômenos nervosos em particular, decorre muito naturalmente da lei da conservação da força" (1988, p. 102).

<sup>4</sup> "A bola de peso  $p$  que descia de uma altura  $h$  atingia o solo com a velocidade  $v$ , cujo quadrado era proporcional ao produto  $ph$ . Se depois de atingir o solo, a bola era obrigada a subir um outro plano inclinado, atingiria, no máximo, a altura  $h$ , qualquer que fosse o declive do plano" (1972, p. 122).

de que a temperatura/energia/luz de um corpo depende do movimento de suas partículas elementares.

Com isso, a ciência recorreu a uma teoria já formulada há muito:

A ideia do átomo como partícula insecável da matéria, permanecera até o século XVIII, uma hipótese filosófica ou metafísica quase com as mesmas características dadas pelos gregos Demócrito e Leucipo, no V século antes de Cristo. Transformada em poema didático pelo poeta romano Lucrecio (séc. I A. C.) nunca deixou de ser mera especulação sem bases experimentais, constituindo o fundamento da chamada filosofia epicurista (1972, p. 124)<sup>5</sup>.

Posteriormente foram realizadas experiências para descobrir-se a respeito da existência real dos átomos, como as de Gay-Lussac (1778-1850) através da "combinação de gases em proporções definidas de volume" (ROCHA E SILVA, 1972, p. 126) e de John Dalton (1766-1844), "sobre as proporções definidas, em peso, com que se combinam os elementos". No entanto, apesar de Bergson acompanhar as discussões científicas a este respeito <sup>6</sup>, não cabe aqui prolongarmos tais desenvolvimentos. A ideia principal, e que foi retomada por Bergson, é a de que, com o princípio de conservação da energia sendo aplicado da forma em que foi pelos mecanicistas da época, sempre haverá determinação da ação pelo meio, e mesmo que os dinamistas afirmem o movimento contrário, segundo o qual a ação também pode determinar o meio,

não há átomo algum, nem no sistema nervoso nem na imensidade do universo, cuja posição não seja determinada pela soma das acções mecânicas que os outros átomos exercem sobre ele. E o matemático que conhecesse a posição das moléculas ou átomos de um organismo humano, num determinado momento, bem como a posição e o movimento de todos os átomos do universo capazes de o influenciar, calcularia com uma precisão infalível as acções passadas, presentes e futuras da pessoa a que pertence este organismo (1988, p. 102).

A questão recai sobre a impossibilidade da liberdade que o princípio de conservação de energia acarreta caso seja estendido ao indivíduo organizado. Trata-se da constatação de "que o determinismo geralmente afirmado pela ciência é menos uma

---

<sup>5</sup> Aliás, o poeta romano Lucrecio obteve atenção de Bergson quando lecionava em Angers em 1881 até 1882. Nestes dois anos, Bergson escreve o livro, ainda sem tradução no português, *Extraits de Lucrèce*. Segundo Philippe Soulez (1997, p. 50-51), neste livro, Bergson apresenta conjuntamente a doutrina, a língua e a poesia de Lucrecio.

<sup>6</sup> Traço disto encontra-se no seguinte trecho do *Ensaio*, onde Bergson refuta as experiências a favor da teoria atômica com uma outra experiência que aponta para um sentido alternativo ao desta teoria: "as experiências recentes de Hirn sobre o movimento dos gases convidam-nos a ver ainda outro coisa no calor que não um simples movimento molecular" (1988, p. 102). Além deste cientista, Bergson refere-se a Augusto Comte e William Thomson.

teoria sugerida pelos fatos e muito mais um postulado que explicita uma posição filosófica" (LEOPOLDO E SILVA, 1994, p. 157). Diante disto, poderíamos nos perguntar, o que fez com que os cientistas se satisfizessem com um postulado ao invés de buscar construir novas teorias? Franklin Leopoldo e Silva desenvolve esta questão sob um enfoque histórico ao afirmar que

a concepção de uma realidade totalmente determinada em todos os seus aspectos, tese metafísica assumida pela filosofia a partir da regra metodológica da ciência moderna, foi, por assim dizer, devolvida à ciência ou reassumida pelos cientistas, não mais como regra metodológica, mas precisamente como *tese metafísica* (1994, p. 156).

A exigência metodológica da filosofia moderna para se ajustar ao modelo da nova física era a de que houvesse o alargamento do critério da ciência experimental a toda a realidade. Tal critério afirma que "a única maneira de conhecer os limites de uma regra é supor primeiramente que não há limites para a sua aplicação; quando, *de fato*, tais limites forem encontrados, então se formulará a regra em função dos novos dados" (LEOPOLDO E SILVA, 1994, p. 154, grifo no original). Desta forma, estendia-se a concepção do sistema material à totalidade do real. Mas, para que a nova filosofia incorporasse elementos da ciência, houve uma exigência de ordem metafísica quanto à unidade do ser no sentido de uma totalidade acabada, questão que não era até então colocada pela ciência. Segundo Franklin Leopoldo e Silva (1994, p. 154), a partir desta exigência metafísica, a regra metodológica foi hipostasiada, levando ao limite a exigência do método científico e a física como totalmente acabada, ciência que, por sua vez, determina a realidade em sua totalidade. Além disso, esta exigência por uma unidade do ser se desenvolveu na perspectiva matemática, a qual pensava o universo como pontos interligados entre si e, por conseguinte, sujeitos a serem apreendidos pelo método geométrico da ciência da época. E, como o próprio Bergson (1988, p. 104) nos aponta, foi o que fizeram Espinosa e Leibniz, mas sob uma perspectiva declaradamente a priori, passo que os psicólogos apresentados por Bergson no *Ensaio* procuram negar, indicando comprometimento com o critério experimental de partir unicamente dos fatos observáveis. Isto está de acordo com o apontado acima por Franklin Leopoldo e Silva e resulta na ideia de que, posteriormente, com a necessidade de fundamentação da teoria sobre a matéria, a ciência inverteu esta condição metodológica - que constituía um passo a ser dado no desenvolvimento da teoria - em tese metafísica, algo incorporado ao desenvolvimento da teoria, mas que não se põe à prova.

Ao estender para toda a realidade esta exigência metodológica, admitiu-se a tese do paralelismo entre a matéria e a consciência. Segundo Bergson:

estender este paralelismo às próprias séries [fisiológica e psicológica] na sua totalidade é resolver *a priori* o problema da liberdade. Isto é permitido, sem dúvida, e os grandes pensadores não hesitaram em fazê-lo; mas também, com antes dizíamos, não é por razões de ordem física que afirmavam a correspondência rigorosa dos estados de consciência com os modos da extensão (1988, p. 104).

O ideal científico de experimentação nasce intimamente associado com a teorização matemática. Bergson (1988, p. 106) procura mostrar que a lei da conservação da energia obedece a uma formulação antiga da matemática, segundo a qual "toda a operação matemática realizada sobre uma quantidade determinada implica a permanência desta quantidade ao longo da operação". Independentemente da ordem em que forem multiplicados os fatores, o resultado será sempre o mesmo<sup>7</sup>. Por trás deste princípio em questão, tem-se a lei à qual a ciência está submetida, a lei da não-contradição. Esta lei não exclui de modo algum a experimentação, que ainda possui papel essencial para o conhecimento da natureza das coisas. Apenas na posse deste material empírico é que o cientista pode dizer o que, de fato, permanece constante. Portanto, dizer que a lei da conservação da energia é aplicável aos fenômenos físico-químicos como o calor, não significa que seja também aplicável aos fenômenos fisiológicos, a menos que a experiência nos revele o inverso. Caso contrário, estaremos diante de um sistema diferente dos outros sistemas que são passíveis de cálculo. E será neste sentido que Bergson irá refutar o paralelismo matéria/consciência, sendo que sua argumentação se compõe de duas partes: 1) o primeiro argumento é aquele alegado pelos dinamistas, que, ao conceberem a influência dos movimentos moleculares, presentes no mundo material, sobre a consciência – o que corresponderia à sensação – perguntam-se pelo processo inverso. "Por que não criaria a consciência movimento à sua volta, quer com um nada de energia cinética e potencial, quer utilizando esta energia à sua maneira?" (BERGSON, 1988, p. 108); 2). Já o segundo argumento, ainda que ele dê a impressão de uma adesão parcial, impede qualquer hipótese de adesão de Bergson à teoria dinamista ao apontar que originalmente a lei da conservação de energia se aplica a um sistema que, embora móvel, pode regressar à sua posição inicial. Esta

---

<sup>7</sup> Tal raciocínio contrasta diretamente com a natureza qualitativa da consciência, que não opera com fatores estanques. De tal forma que a exposição a um mesmo objeto nunca será acompanhada da mesma impressão, pois a esta última acrescenta-se a memória do primeiro contato.

afirmação foi feita com base nos objetos inertes, os quais nos dão a impressão de não serem afetados significativamente pelo tempo, ao ponto de trazerem consigo qualquer vestígio do tempo decorrido. Talvez este fato tenha levado à crença na própria conservação da quantidade de energia, mas o que não está esclarecido é a extensão desta crença ao domínio da vida, o qual não admite voltar-se atrás. Portanto, quando Bergson (1988, p. 108) diz que "enquanto o tempo decorrido não constitui nem um ganho nem uma perda para um sistema considerado conservador, é um ganho, sem dúvida, e incontestavelmente para o ser consciente", ele está propondo a existência de um domínio que não está submetido à lei da conservação de energia, e, com isso, admitindo a vontade livre do ser consciente através de sua subordinação à ação do tempo.

Vimos com Franklin Leopoldo e Silva que, diante de uma exigência metodológica, a ciência moderna estendeu seu princípio a toda realidade, o que resultou no paralelismo entre matéria e consciência. Ao mostrar a ilegitimidade desta generalização, Bergson adquire os elementos necessários para sustentar sua tese sobre a liberdade humana.

#### **Abstract**

The present article intends to discuss the influence language exerts on the bad disposition of the problem of freedom in *Time and free will*. In order to do so, we are going to examine Bergson's denunciations against the rising psychology of the nineteenth century on the grounds of – in spite of the ideal of experimentation – its logical fundamentals for the defense of psychological determinism's thesis.

#### **Keywords**

Language; Mind; Intelligence; Freedom; Duration ; Space.

## **Bibliografia:**

Obras de Bergson:

- BERGSON, H. 2001. *Oeuvres*. Textes annotés par André Robinet et introduction par Henri Gouhier. 6<sup>a</sup> edição. Édition du centenaire. Paris: Presses Universitaires de France.
- \_\_\_\_\_. 2002. *Correspondances*. Textes publiés et annotés par André Robinet avec la collaboration de Nelly Bruyère, Brigitte Sitbon-Peillon, Suzanne Stern-Gillet. 1<sup>a</sup> edição. Paris: Presses Universitaires de France.
- \_\_\_\_\_. 1988. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução de João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70.
- \_\_\_\_\_. 2005. *A evolução criadora*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. 1990. *Matéria e Memória*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. 2006. *O pensamento e o movente*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. 2009. *A energia espiritual*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes.

Comentadores:

- ADOLPHE, L. 1951. *La dialectique des images chez Bergson*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CHERNIAVSKY, A. 2009. *Exprimer l'esprit: Temps et langage chez Bergson*. Paris: L'Harmattan.
- DELEUZE, G. 2008. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34 (Coleção TRANS).
- STANCATI, C. (et all). 2001. *Henri Bergson: esprit et langage*. Claudia Stancati (Ed.); Donata Chiricò (Ed.); Federica Vercilio (Ed.). Bélgica: Sprimont: Mardaga.
- LECERF, E; BORBA, S.; KOHAN, W. (Org.). 2007. *Imagens da Imanência. Escritos em memória de Henri Bergson*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 7-25.
- LEOPOLDO E SILVA, F. 1994. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola.
- PINTO, D. Bergson. 2008. In: Rossano Pecoraro. (Org.). *Os Filósofos - Clássicos da Filosofia*. 1 ed. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes; Editora PUC-Rio, v. 2, p. 206-230.
- \_\_\_\_\_. 2007. Crítica do negativo e ontologia da Presença: a interpretação de Bergson segundo Bento Prado Junior. *O Que nos Faz Pensar*, v. 22, p. 23-48.
- \_\_\_\_\_. 2005. O tempo e seus momentos interiores. *Analytica* (UFRJ), v. 9, p. 59-86.
- \_\_\_\_\_. (org.) Subjetividade e Linguagem. *Dois pontos*, Revista de Filosofia dos Departamentos de Filosofia da UFPr e UFSCar; vol.3, número 1, abril de 2006.

- PRADO JÚNIOR, B. 1989. *Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson*. São Paulo: Edusp.
- PROUST, M. 2001. *Em busca do tempo perdido. No caminho de Swann*. Tradução de Fernando Py. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, volume 1.
- MARQUES, S. 2006. *Ser, Tempo e Liberdade: as Dimensões da Ação Livre na Filosofia de Henri Bergson*. São Paulo: Humanitas.
- OLIVEIRA, M. A. 2001. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola.
- RICOEUR, P. 2005. *A metáfora viva*. Tradução de Dion Davi Macedo. 2ª edição. São Paulo: Loyola.
- ROCHA E SILVA, M. 1972. *A evolução do pensamento científico*. São Paulo: HUCITEC.
- WORMS, F. 2004. *Bergson ou les deux sens de la vie*. Paris: Presses Universitaires de France (Collection Quadrige).